

CHE - CÂMARA DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E EDUCAÇÃO (COMUNICAÇÃO COORDENADA)

NOME: CELINA FIGUEIREDO LAGE

TÍTULO: A POÉTICA CURATORIAL DO NOVO MUSEU DA ACRÓPOLE E O FUTURO DAS ESCULTURAS DO PARTENON

AUTORES: CELINA FIGUEIREDO LAGE, CELINA FIGUEIREDO LAGE

AGÊNCIA FINANCIADORA (se houver): PAp/UEMG

PALAVRA CHAVE: ESCULTURAS DO PARTENON, CURADORIA, ACRÓPOLE, ARTE GREGA, MUSEU DA ACRÓPOLE

RESUMO

Analisamos a poética curatorial que foi criada com o ensejo da construção do novo Museu da Acrópole em Atenas. Inaugurado em 20 de junho de 2009, o museu foi construído com a proposta de apresentar ao visitante uma narrativa contemporânea sobre este monumento antigo, através de um projeto curatorial inovador. Neste caso, o projeto curatorial e o projeto arquitetônico do museu se convergem em muitos pontos, uma vez que foram criados em conjunto por uma equipe chefiada pelo curador e diretor do museu Dimitrios Pandermalis e pelo arquiteto suíço Bernard Tschumi. Diferentemente de outros museus, este prédio foi planejado arquitetonicamente em função do acervo e em consonância com a sua expografia. Assim, sob este ponto de vista, projeto arquitetônico e expográfico são indissociáveis. A forma como o projeto foi concebido, bem como as suas relações com o passado, presente e futuro abrem margem para diversas reflexões. O Museu da Acrópole, visto sob este ângulo, inaugura ele mesmo uma nova poética da Acrópole, na medida em que apresenta uma narrativa criada sobre a história da rocha sagrada, capaz de apresentar visões distintas sobre ela e sobre as suas obras de arte.

Tschumi cria camadas com painéis de vidro transparente que servem como pisos em diversos pontos e andares do museu, de modo a fazer com que o prédio contemporâneo estabeleça um diálogo com o seu contexto. A transparência do vidro faz revelar camadas temporais que coexistem em um mesmo espaço, neste caso o impressionante prédio construído no século XXI e as ruínas de Atenas da época clássica, romana e bizantina, datando mais de dois mil anos atrás, bem como a cidade contemporânea de Atenas. É possível ao visitante que se encontra no terceiro andar do prédio enxergar as escavações na sua base, aguçando a percepção sobre a passagem do tempo e sobre a coexistência de vestígios do passado na metrópole do séc XXI. O museu se torna, assim, uma interface entre passado e presente.

Da mesma forma, estando situado aos pés da Acrópole, o museu propõe um diálogo com o monumento, estabelecendo-se ao mesmo tempo como uma interface entre a cidade alta (em grego antigo *akrópolis* significa 'cidade alta') que pode ser visualizada através de suas paredes de vidro e as coleções expostas no museu, permitindo aos visitantes estabelecerem relações visuais entre ambos (TSCHUMI, 2013). Deste modo é possível ver as coleções de métopas, frisos e frontões do Partenon e visualizar ao mesmo tempo o monumento. Adicionalmente, as imensas paredes de vidro permitem que a luz natural da região da Ática iluminem as esculturas com sua luz natural, proporcionando visões diferenciadas das obras de arte. Assim uma quarta dimensão é adicionada às obras tridimensionais, no que diz respeito à este elemento temporal presente nas variações da luz durante o dia e durante as estações do ano.

Além de abrigar os artefatos e obras de arte que se relacionam com a Acrópole, os quais foram encontrados neste local ou em seu entorno, e que estavam sob a guarda de instituições gregas, o projeto do museu pretende abrigar as famosas Esculturas (também chamadas de mármore) do Partenon que encontram-se espalhados por vários museus do mundo (ROBERTSON & FRANTZ, 1975). Em torno de 49% das esculturas encontram-se atualmente no Museu da Acrópole, outras 49% encontram-se no Museu Britânico, e outros 2% encontram-se em outros museus, como o Museu do Louvre e o Museu do Vaticano (KORKA, 2010). O museu ele mesmo se firma, deste modo, como o argumento mais eloquente para o retorno destas esculturas para a Grécia, reivindicado pelos gregos desde que conquistaram sua independência do império Otomano em 1821.

O projeto do museu foi feito com os olhos voltados para o futuro, com a expectativa de que algum dia estas esculturas serão novamente reunidas, devolvendo ao conjunto a sua unidade perdida. Sob este ponto de vista, podemos afirmar que o projeto do museu foi concebido em função de obras que ele ainda não possui. Esta é uma característica que parece ter se tornado uma tendência na primeira década do século XXI. Outros dois museus importantes, o Grande Museu do Egito (em construção) e o Museu Nacional da China, inaugurado em 2003, também foram projetados para abrigar obras que estão sob a guarda de outros museus do mundo. Portanto, estes três museus potencialmente estariam preparados para receber de volta grandes tesouros culturais que vêm sido reivindicados por seus países de origem. Devo sublinhar neste ponto que desde a criação em 1978 do Comitê Intergovernamental para Fomentar o Retorno dos Bens Culturais a seus Países de Origem ou a Restituição em Caso de Apropriação Ilícita da UNESCO, inúmeras foram as restituições de obras de arte entre os países, com uma tendência para que este número cresça ainda mais. Conclui-se que a percepção dos diálogos que o museu estabelece com o seu contexto, nos leva a afirmar que a curadoria inovadora do Museu da Acrópole se estabelece como uma poética capaz de atribuir novos sentidos e lançar novos olhares sobre a Acrópole e suas obras de arte, sobre o passado e o presente da cidade de Atenas. Ao mesmo tempo, a curadoria propõe a construção de novas narrativas, em vista das Esculturas do Partenon que estariam ausentes, vislumbrando sua reunificação no futuro.